CARTA DE
CONJUNTURA
NÚMERO 65 — NOTA DE CONJUNTURA 28 — 4 ° TRIMESTRE DE 2024

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores de indústria, comércio e serviços

Leonardo Mello de Carvalho
Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 27 de dezembro de 2024.

Sumário

O crescimento registrado pelo produto interno bruto (PIB) na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2024 (+0,9%), embora tenha desacelerado em relação à média verificada no primeiro semestre (+1,2%), continua refletindo uma economia aquecida, conforme já antecipado pelos indicadores setoriais com periodicidade mensal. Reforçando nosso diagnóstico prévio, o dinamismo do mercado de trabalho, associado a melhores condições de acesso ao crédito, manteve o bom desempenho das vendas de bens e serviços ao longo do terceiro trimestre. Como consequência, contrastando com o cenário verificado em 2023, os setores econômicos considerados mais cíclicos têm apresentado as maiores contribuições para o crescimento do PIB. Uma parte relevante da demanda, todavia, segue sendo suprida pela expansão das importações, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do consumo aparente (CA) de bens industriais, *vis-à-vis* a produção física.

Os resultados referentes aos primeiros meses do quarto trimestre não apontam grandes alterações, embora o ambiente econômico apresente alguma deterioração. No âmbito da política econômica, enquanto o Banco Central do Brasil (BCB) iniciou em setembro último um ciclo de aumento da taxa de juros, o impulso fiscal por parte do governo tende a ser menor que o ocorrido anteriormente. Além desses fatores, num cenário em que a trajetória de alguns índices de preços, notadamente no setor de serviços, tem se tornado menos benigna, a recente desvalorização do real frente ao dólar tende a provocar uma moderação no crescimento real da massa de rendimentos das famílias.

Nesse contexto, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, iniciou o quarto trimestre exibindo avanço de 0,1% em outubro, na comparação livre de efeitos sazonais. Já na comparação interanual, o crescimento foi de 7,3%, maior variação positiva desde junho de 2021. Com o resultado de outubro, o efeito de *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 5,7% em termos interanuais e de 0,8% na margem.

Entre os setores produtivos, o consumo de serviços continua como o principal motor da economia. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a receita real do setor subiu 1,1% em outubro, já descontados os efeitos da sazonalidade. Em relação ao mesmo período do ano passado, o crescimento foi de 6,3%. Na comparação acumulada no ano, os serviços registraram alta de 3,2% sobre o mesmo período do ano anterior. Entre os segmentos, os serviços técnico-profissionais são os responsáveis por 48,5% deste crescimento. Já os

serviços de tecnologia e informação responderam por 25,0% do total. Com o resultado de outubro, o *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 5,0% em termos interanuais e de 1,7% na margem.

O cenário referente ao comércio de bens permaneceu inalterado nos primeiros dez meses do ano. Apesar da acomodação verificada no ritmo de crescimento real de massa de rendimentos ampliada, o mercado de crédito manteve algum dinamismo, ajudando a explicar seu bom desempenho. A Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE indicou alta de 0,9% em outubro, na comparação dessazonalizada. Excluindo as vendas de autoveículos, materiais de construção e o atacado de alimentos, o comércio varejista cresceu 0,4%, na mesma base de comparação. Em termos anuais, o resultado foi positivo em ambos os agregados, com altas de 7,2% e 4,4%, respectivamente. Na comparação acumulada no ano, o varejo ampliado registrou expansão de 4,9% até o mês de outubro. Deste total, a venda de veículos e motos foi responsável por 44,8%. A seguir, destacou-se o segmento de hipermercados, que contribuiu 24,9% da variação agregada. O resultado de outubro deixa um carry-over de 2,0% para o quarto trimestre. Com o resultado de outubro, o *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 7,1% em termos interanuais e de 2,0% na margem.

Por fim, a indústria segue se recuperando em 2024. Entre os grandes grupos econômicos, estimulados pelo dinamismo da demanda interna, a produção de itens com uso no setor de bens de capital – com forte contribuição de caminhões e ônibus – e a produção de bens de consumo duráveis continuam como os destaques positivos. As importações seguiram registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do CA de bens industriais. Em outubro, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), a indústria recuou 0,2% na margem, com alta de 5,8% na comparação interanual. No acumulado do ano, o crescimento foi de 3,4%, com destaque para a indústria de transformação, com alta de 3,8%. Entre os setores, a produção de veículos automotores foi responsável por 21,7% deste resultado. Outros destaques ficaram por conta da fabricação de alimentos (10,8%) e de máquinas e materiais elétricos (8,0%). Com o resultado de outubro, o *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 0,6% em termos interanuais e de 4,0% na margem.

1 Resultados gerais

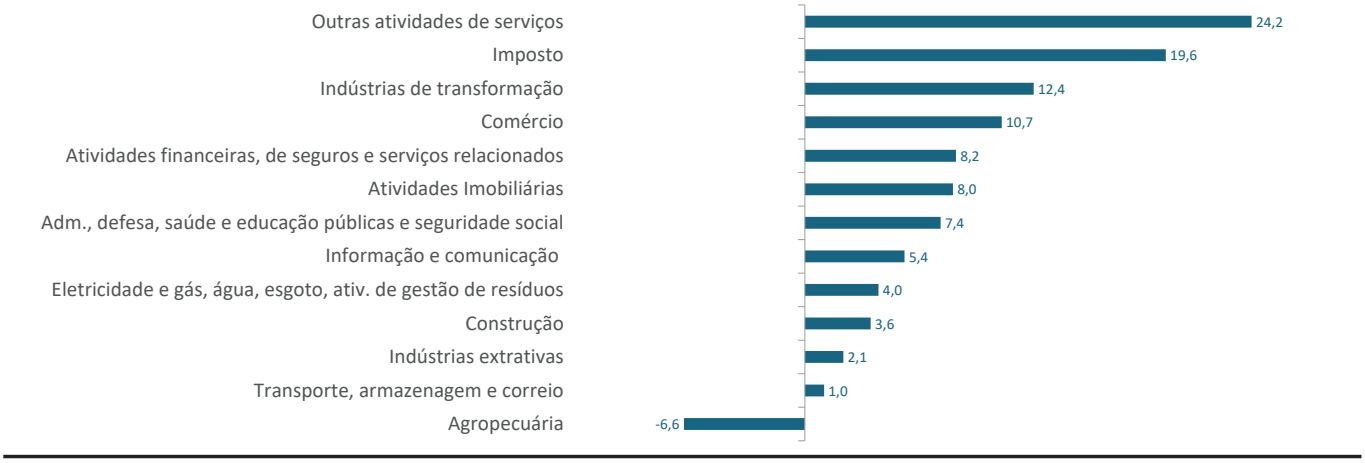
O crescimento registrado pelo PIB na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2024 (+0,9%), embora tenha desacelerado em relação à média verificada no primeiro semestre (+1,2%), continua refletindo uma economia aquecida, conforme já antecipado pelos indicadores setoriais com periodicidade mensal. Reforçando nosso diagnóstico prévio, o dinamismo do mercado de trabalho, associado a melhores condições de acesso ao crédito, manteve o bom desempenho das vendas de bens e serviços ao longo do terceiro trimestre. Como consequência, contrastando com o cenário verificado em 2023, os setores econômicos considerados mais cíclicos têm apresentado as maiores contribuições para o crescimento do PIB.

Pelo lado da produção, tomando por base a comparação acumulada no ano, o segmento outras atividades de serviços foi quem mais contribuiu em pontos percentuais (p.p.) para a expansão de 3,3% do PIB a preços de mercado, sendo responsável por 24,2% deste resultado. Logo em seguida, destacamos os impostos indiretos, que adicionaram o equivalente a 19,6% ao crescimento do PIB. Numa conjuntura em que a absorção doméstica vem crescendo de maneira acelerada, com uma parte relevante da demanda sendo suprida pela expansão das importações, a arrecadação tem sido favorecida. Por sua vez, confirmando a trajetória de recuperação em 2024, as indústrias de transformação também têm tido participação relevante no desempenho do PIB, sendo responsáveis pela terceira maior contribuição (12,4%). Contrastando com o cenário no ano passado, o setor da agropecuária subtraiu o equivalente a 6,6% do resultado acumulado no ano (gráfico 1).

Os resultados referentes aos primeiros meses do quarto trimestre não apontam grandes alterações, embora o ambiente econômico apresente alguma deterioração. No âmbito da política econômica, concomitantemente

ao ciclo de aperto da política monetária iniciado pelo BCB em setembro último, o impulso fiscal tende a ser menor que o verificado anteriormente. Além disso, o aumento da percepção de risco fiscal nos últimos meses tem gerado incertezas e afetado as taxas de juros e os preços dos ativos, impulsionando a desvalorização do real. Assim, num cenário em que a trajetória de alguns índices de preços, notadamente no setor de serviços, tem se tornado menos benigna, a recente desvalorização cambial tende a provocar uma moderação no crescimento real da massa de rendimentos das famílias.

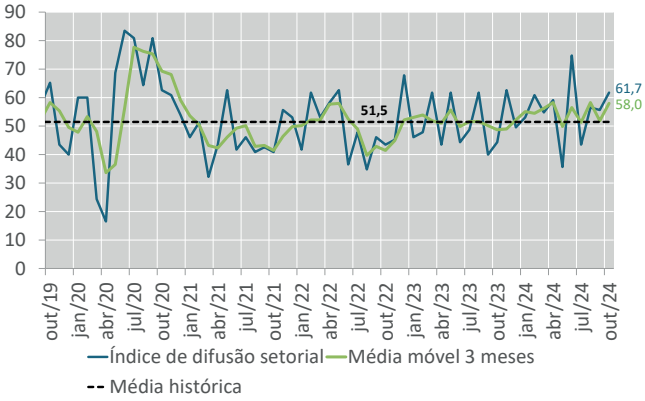
GRÁFICO 1
Componentes do PIB – produção: contribuição para o crescimento acumulado no ano (3º trim./2024)
(Em %)



Fonte: IBGE e Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nesse contexto, o IBC-Br, um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, iniciou o quarto trimestre exibindo pequeno avanço de 0,1% em outubro, na comparação livre de efeitos sazonais. Já na comparação interanual, o crescimento foi de 7,3% – maior variação positiva desde junho de 2021. Com o resultado de outubro, o efeito de *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 5,7% em termos interanuais e em 0,8% na margem. Ainda em termos agregados, o indicador de difusão calculado pelo Ipea também exibiu aceleração, ficando num nível acima de sua média histórica, situada em 51,5%. Em outubro, 61,7% dos segmentos analisados registraram variação positiva, em comparação com 55,7% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão também cresceu, atingindo 58,0% em outubro (gráfico 2).

GRÁFICO 1
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial[1] (abr./2019-abr./2024)
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: [1] O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

Entre os setores produtivos, o consumo de serviços continua como o principal motor da economia. Segundo a PMS/IBGE, a receita real do setor cresceu 1,1% em outubro, já descontados os efeitos da sazonalidade. Analisando seu desempenho recente em médias móveis trimestrais, seu ritmo de crescimento na margem tem se mantido constante, a uma taxa média de 1,3% nos úl-

timos quatro meses. Já na comparação em termos interanuais, o cenário é ainda mais positivo, evidenciado por uma trajetória de aceleração ao longo do mesmo período (tabela 1). Com o resultado de outubro, o *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 5,0% em termos interanuais e em 1,7% na margem.

O cenário referente ao comércio de bens permaneceu inalterado nos primeiros dez meses do ano. Apesar da acomodação verificada no ritmo de crescimento real de massa de rendimentos ampliada, o mercado de crédito manteve algum dinamismo, ajudando a explicar seu bom desempenho. A PMC/IBGE indicou alta de 0,9% em outubro, na comparação dessazonalizada. Excluindo as vendas de autoveículos, materiais de construção e o atacado de alimentos, o comércio varejista cresceu 0,4%, na mesma base de comparação. Com base nas médias móveis trimestrais, o comércio apresentou uma trajetória de aceleração na margem, registrando alta de 1,3% no trimestre encerrado em outubro. Já o varejo restrito apresentou um desempenho mais modesto levando-se em conta o mesmo período. Em termos anuais, o resultado foi positivo em ambos os agregados, com altas de 7,2% e 4,4%, respectivamente. Com o resultado de outubro, o *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 7,1% em termos interanuais e 2,0% na margem.

Por fim, a indústria segue se recuperando em 2024. Entre os grandes grupos econômicos, estimulados pelo dinamismo da demanda interna, a produção de itens com uso no setor de bens de capital – com forte contribuição de caminhões e ônibus – e a produção de bens de consumo duráveis continuam como os destaques positivos. As importações seguiram registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do CA de bens industriais. Em outubro, de acordo com a PIM-PF, a indústria recuou 0,2% na margem, com alta de 5,8% na comparação interanual. O bom resultado ao longo dos últimos meses pode ser evidenciado pela trajetória em médias móveis, que apresentou crescimento médio de 1,5% na margem e de 3,4% em termos interanuais. Com o resultado de outubro, o *carry-over* em relação ao quarto trimestre de 2024 ficou em 0,6% em termos interanuais e em 4,0% na margem.

TABELA 1
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior					Acumulado			
	Trim. móvel Jul/23	Trim. móvel Ago./24	Trim. móvel Set./24	Trim. móvel Out./24	Carry-over (T4/24)	Trim. móvel Jul/23	Trim. móvel Ago./24	Trim. móvel Set./24	Trim. móvel Out./24	Carry-over (T4/24)	No ano (margem)	No ano (interanual)	Em 12 meses	Carry-over (2024)
PIB IBGE			0,9					4,0			2,5	2,9	2,5	3,3
IBC-Br	1,5	1,7	1,2	1,2	0,8	2,7	4,3	4,8	5,4	5,7	4,4	3,3	3,0	3,9
PIM-PF	1,0	2,4	1,4	1,3	0,6	2,0	3,9	3,9	3,8	4,0	2,5	3,4	3,0	3,3
Transformação	0,9	2,5	1,7	1,8	1,2	-0,1	4,2	4,5	4,5	5,9	4,9	3,8	2,9	4,0
Extrativas	1,6	2,0	0,4	-0,9	-0,9	13,3	2,1	0,7	0,1	-5,3	-8,6	1,3	3,7	-0,2
PMC ampliado	0,7	0,5	0,9	1,3	2,0	3,4	4,2	4,6	5,1	7,1	6,9	4,9	4,3	5,1
PMC restrito	1,2	0,4	0,4	0,5	0,8	2,5	4,7	4,1	4,7	5,5	5,4	5,0	4,4	5,0
PMS	1,0	1,4	1,3	1,4	1,7	1,8	2,5	3,2	4,0	5,0	4,1	3,2	2,7	3,4
FBCF - IPEA	1,3	4,1	2,1	1,6	-0,6	-0,5	9,4	10,8	10,0	8,7	6,9	6,9	5,2	7,1
CA IND - IPEA	3,0	5,1	2,1	1,6	1,1	0,8	7,7	7,7	7,9	9,0	7,5	6,0	5,0	6,3

Fonte: IBGE, Fundação Getulio Vargas (FGV) e Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: FBCF – formação bruta de capital fixo.

2 Indústria

Em outubro, de acordo com a PIM-PF, a indústria apresentou pequena acomodação, com recuo de 0,2% na série dessazonalizada, e alta de 5,8% na comparação interanual. Enquanto o segmento da transformação registrou alta de 0,1% na margem, as indústrias extrativas, por sua vez, recuaram 0,2% (tabela 2). Entre os grandes grupos econômicos, estimulados pelo dinamismo da demanda interna, a produção de itens com uso no setor de bens de

capital – com forte contribuição de caminhões e ônibus – e a produção de bens de consumo duráveis continuam como os destaques positivos. Parte deste aumento na demanda por bens industriais continua sendo suprida pelas importações, fato também evidenciado pelo crescimento mais acelerado do CA de bens industriais (gráfico 3).

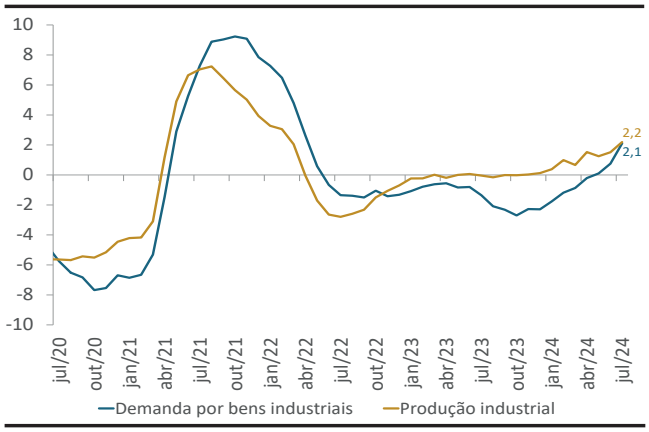
TABELA 2
Produção industrial e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Pesos	Contra período anterior dessazonalizado[1]					Contra igual período do ano anterior				Acumulado		
		Ago./24	Set./24	Out./24	Trim.[2]	Carry-over 4º Trim.	Ago./24	Set./24	Out./24	Trim.[2]	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses
Geral		0,2	1,0	-0,2	1,3	0,6	2,3	3,4	5,8	3,8	2,5	3,4	3,0
Classes													
Indústrias Extrativas	14,6	0,9	-1,4	-0,2	-0,9	-0,9	5,6	-3,1	-2,0	0,1	-8,6	1,3	3,7
Transformação	85,4	-0,1	1,7	0,1	1,8	1,2	1,7	4,6	7,2	4,5	4,9	3,8	2,9
Grupos Econômicos													
Capital	6,0	-3,7	4,3	1,6	1,4	3,2	5,2	13,8	15,3	11,3	19,9	8,3	4,0
Intermediários	60,5	0,4	1,1	0,4	1,9	1,3	2,5	2,4	5,0	3,3	0,2	2,6	2,7
Consumo	31,8	0,6	0,2	-0,7	0,9	-0,4	1,7	3,7	6,2	3,8	3,6	4,3	3,6
Duráveis	4,4	-2,5	-2,4	4,4	4,2	1,8	10,7	10,4	19,6	13,4	15,5	9,8	7,3
Semi e Não-Duráveis	27,5	0,4	0,5	-0,7	-0,2	-0,2	0,2	2,6	4,2	2,3	2,7	3,4	3,1
Insumos da construção civil		-0,5	1,6	-0,4	2,9	0,5	5,0	9,6	9,4	8,0	7,0	5,3	4,6

Fonte: PIM-PF/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: [1] Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

O grande destaque referente à produção industrial ao longo do ano tem sido a recuperação do setor manufatureiro. Com base na comparação acumulada no ano, por trás do crescimento de 3,4% registrado até outubro, a contribuição em pontos percentuais das indústrias de transformação somou 95,5% do total. Entre os setores, este bom resultado tem apresentado um elevado grau de disseminação. O segmento que fabrica veículos automotores foi aquele com a maior contribuição para o crescimento da indústria geral, respondendo por 21,7% da taxa de variação acumulada no ano. Em seguida, o crescimento da produção de alimentos contribuiu com 10,8%. Já o setor extrativo, contrastando com o desempenho verificado em 2023, foi responsável por apenas 4,5%. Por fim, entre os três segmentos com contribuição negativa, o farmacêutico aparece como destaque, tendo subtraído o equivalente a 2,7% do resultado total em pontos percentuais.

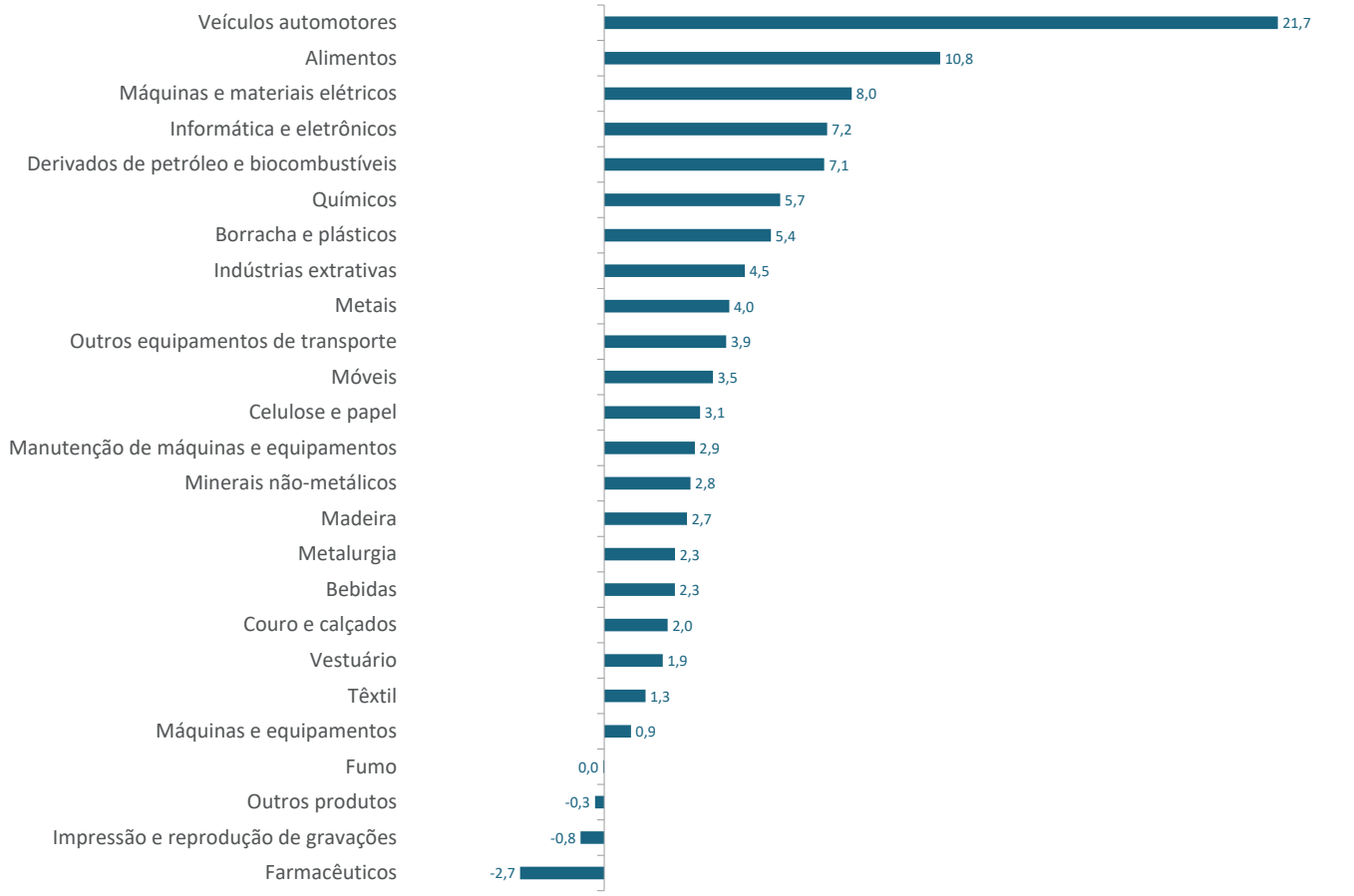
GRÁFICO 3
Demanda por bens industriais *versus* produção industrial: taxas de variação acumuladas em doze meses
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

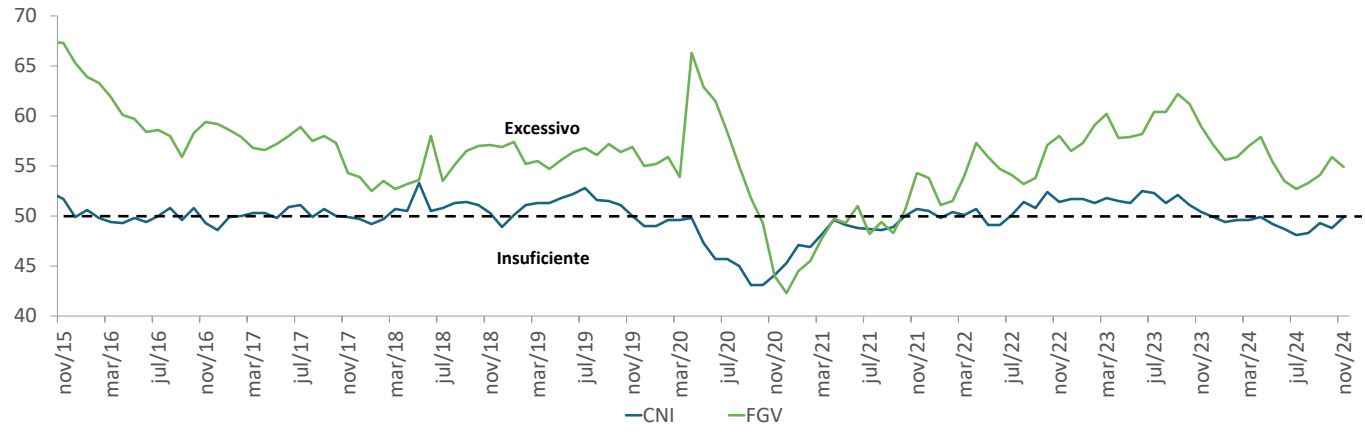
Entre alguns dos fatores condicionantes para o cenário industrial, verifica-se um quadro com estoques ainda ajustados e Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) com desaceleração em outubro e novembro na margem, embora em patamares acima da média histórica. Por sua vez, a trajetória de preços ao produtor saiu da zona de deflação e apresenta crescimento. Segundo as sondagens industriais da FGV e da Confederação Nacional da Indústria (CNI), após permanecerem em níveis considerados excessivos desde 2022, os estoques da indústria de transformação têm caído desde o segundo semestre de 2024. De acordo com a CNI, particularmente, eles já estariam, inclusive, em níveis abaixo dos planejados desde janeiro de 2024 (gráfico 5). Em relação aos custos, o Índice de Preços ao Atacado (IPA), da FGV, registrou crescimento de 7,4% no preço dos bens intermediários no acumulado do ano até novembro de 2024 (tabela 3). Já os produtos pertencentes às matérias-primas brutas cresceram 13,3% na mesma base de comparação, destacando-se, nesse grupo, as agropecuárias (19,9%).

GRÁFICO 4
PIM – setores: contribuição para o crescimento acumulado no ano (out./2024)
(Em %)



Fonte: IBGE e Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
Produção industrial: transformação – nível de estoques (efetivo-planejado)
(Em pontos)



Fonte: FGV e CNI.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 3
IPA: taxas de variação acumuladas
(Em %)

	Dez./22-Nov./23	Dez./23-Nov./24
IPA - todos os itens	**-6,4**	**7,4**
Bens finais	**-2,2**	**7,0**
Bens de consumo duráveis	3,0	1,5
Alimentação	-5,3	12,4
Combustíveis	-18,6	8,7
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	3,6	4,0
Bens de investimento	3,0	1,9
Bens intermediários	**-7,6**	**2,8**
Materiais e componentes para a manufatura	-4,9	5,5
Embalagens	1,0	5,1
Suprimentos	-17,0	3,0
Matérias-primas brutas	**-8,9**	**13,3**
Mat. Primas brutas agropecuárias	-15,7	19,9
Minerais	19,5	-6,0

Fonte: FGV.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

O cenário referente ao comércio de bens permaneceu inalterado nos primeiros dez meses do ano. Apesar da acomodação verificada no ritmo de crescimento real da massa de rendimentos ampliada, o mercado de crédito manteve algum dinamismo, ajudando a explicar seu bom desempenho. A Pesquisa Mensal de Comércio (PMC/IBGE indicou alta de 0,9% em outubro, na comparação dessazonalizada. Excluindo as vendas de autoveículos, materiais de construção e o atacado de alimentos, o comércio varejista cresceu 0,4%, na mesma base de comparação. Em termos anuais, o resultado foi positivo em ambos os agregados, com altas de 8,8% e 6,5%, respectivamente (tabela 4). Na comparação acumulada no ano, o varejo ampliado registrou expansão de 4,9% até outubro. Desse total, a venda de veículos e motos foi responsável por expressivos 44,8%. Em seguida, destacou-se o segmento de hipermercados, que contribuiu com 24,9% da variação agregada. Entre os dois segmentos que exerceram contribuição negativa, o destaque ficou com a venda de combustíveis e lubrificantes, que retirou o equivalente a 5,0% da taxa total (gráfico 6).

Por trás dessa trajetória positiva nas vendas do comércio varejista, a massa ampliada efetiva real de rendimentos calculada pelo Ipea segue registrando crescimento. Utilizando como deflator o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tendo por base a variação acumulada na margem nos últimos doze meses até setembro, a massa ampliada acumulou crescimento de 10,6% em termos nominais, ante uma expansão de 4,4% do IPCA, garantindo, assim, alta de 6,0% em termos reais no período. Quando utilizamos como deflator os bens duráveis, o cenário continua bastante favorável. Ao longo dos últimos doze meses até setembro, os preços desse grupo subiram apenas 0,5%, refletindo um ganho de 10,1% no poder de compra da massa ampliada real (gráfico 7).

Além dos relativos mais favoráveis, a melhoria do acesso ao crédito tem fomentado a aquisição desses tipos de bens. Segundo os dados do BCB, as concessões de crédito para pessoa física acumularam um crescimento real de 20,0% entre janeiro e outubro de 2024, quando comparado com o mesmo período do ano passado. O destaque fica por conta do financiamento de veículos, que registrou expansão de 34,4% na mesma base de comparação. Esse fato ajuda a explicar a elevada contribuição da venda de veículos no varejo ampliado, que chegou a quase 45%. Ainda na variação acumulada no ano, as concessões via cartão de crédito rotativo retrocederam 3,4%.

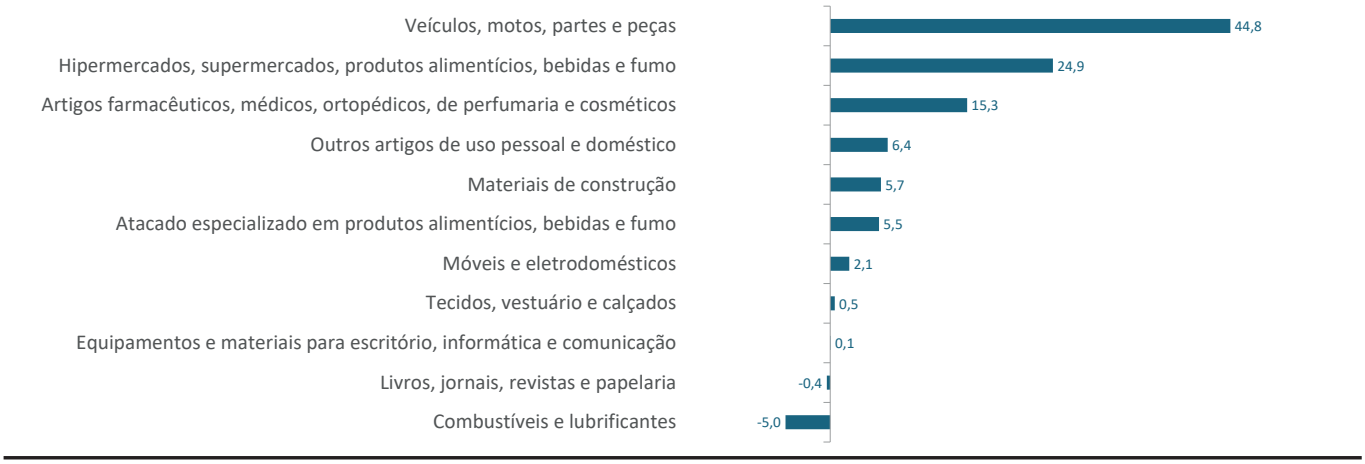
Por fim, deve-se destacar também a redução ocorrida nos níveis de comprometimento da renda com serviços da dívida, cuja participação passou de 27,8%, em abril de 2023, para 26,5%, em setembro de 2024 (gráfico 8).

TABELA 4
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Pesos	Mês/mês anterior dessazonalizado					Mês/igual mês do ano anterior				Acumulado		
		Ago./24	Set./24	Out./24	Trim.[1]	Carry-over 4º trim.	Ago./24	Set./24	Out./24	Trim.[1]	No ano (dessaz)	No ano (yoy)	Em doze meses
Comércio varejista ampliado[2]	**100,0%**	**-0,5**	**1,9**	**0,9**	**1,3**	**2,0**	**3,2**	**3,4**	**8,8**	**5,1**	**6,9**	**4,9**	**4,3**
Comércio varejista restrito	**59,6%**	**-0,2**	**0,6**	**0,4**	**0,5**	**0,8**	**5,3**	**2,3**	**6,5**	**4,7**	**5,4**	**5,0**	**4,4**
1. Combustíveis e lubrificantes	7,2%	0,0	2,3	1,3	1,5	2,8	-4,6	-1,5	2,2	-1,4	-1,2	-2,0	-1,8
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	32,2%	0,2	0,4	0,3	1,2	0,6	6,5	0,7	5,6	4,3	3,2	5,2	5,2
2.1 Hipermercados e supermercados		0,4	0,6	0,1	1,4	0,6	7,4	1,3	6,1	4,9	4,0	5,8	5,7
3. Tecidos, vestuário e calçados	3,7%	-0,3	-0,8	1,7	0,8	1,1	5,8	3,5	7,9	5,8	9,1	2,1	2,2
4. Móveis e eletrodomésticos	4,1%	-1,7	-3,9	7,5	-0,2	4,0	6,3	-0,2	9,9	5,4	10,9	3,9	3,6
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	5,6%	1,4	1,4	-1,1	1,8	0,3	15,8	16,2	16,1	16,0	14,6	14,9	13,3
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	0,2%	-3,1	-0,9	0,3	-4,0	-1,3	-8,6	-10,5	-9,3	-9,4	-4,8	-7,8	-7,6
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,9%	-2,0	-1,7	2,7	-0,3	0,9	-2,8	-4,9	6,3	-0,5	2,7	1,7	3,0
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	5,8%	-4,3	3,1	-1,5	-2,6	-0,9	1,5	5,8	4,7	3,9	8,7	6,9	3,2
9. Veículos, motos, partes e peças	16,8%	-5,5	5,9	8,1	5,2	10,1	8,1	14,4	27,4	16,4	26,0	14,4	14,0
10. Materiais de construção	7,7%	0,5	1,4	0,7	3,5	1,8	4,6	9,4	12,2	8,7	8,1	5,0	4,1
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	15,9%	-	-	-	-		-11,6	-9,1	-5,8	-8,8		3,1	-4,8

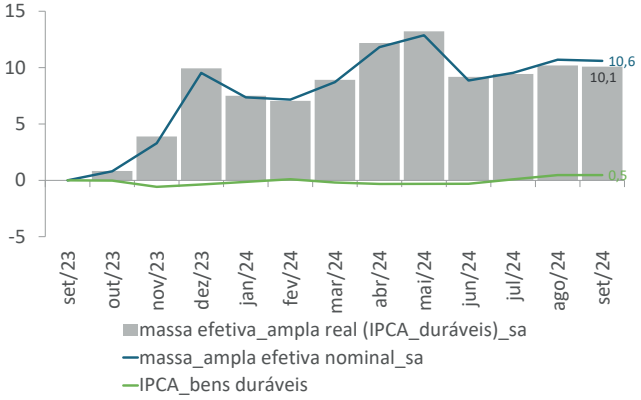
Fonte: PMC/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Notas:
[1] Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.
[2] O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.
[3] O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

GRÁFICO 6
PMC: setores – contribuição para o crescimento acumulado no ano (out./2024)
(Em %)



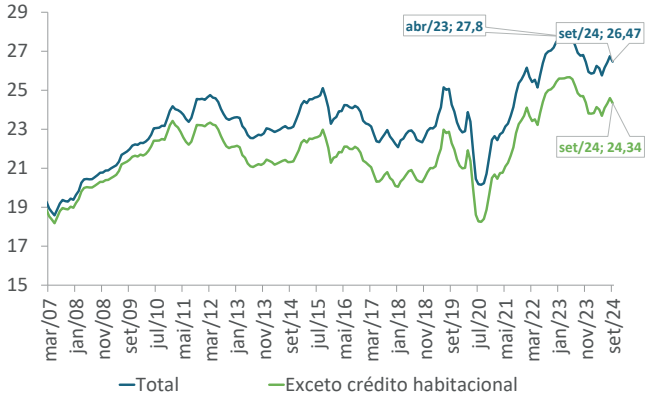
Fontes: IBGE e Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
Massa ampliada real e seus componentes: deflator IPCA – bens duráveis (set./2023-set./2024)[1]
(Em %, variação acumulada – séries dessazonalizadas)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: [1] Base: setembro de 2023 igual a zero.

GRÁFICO 8
Comprometimento da renda das famílias com serviço da dívida (mar./2007-set./2024)
(Em %, séries dessazonalizadas)



Fonte: Ipea e BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços

Entre os setores produtivos, o consumo de serviços continua como o principal motor da economia. Segundo a PMS do IBGE, a receita real do setor subiu 1,1% em outubro, já descontados os efeitos da sazonalidade. Em relação ao mesmo período do ano passado, o crescimento foi de 6,3% (tabela 5). Na comparação acumulada no ano, os serviços registraram alta de 3,2% sobre o mesmo período do ano anterior. Entre os segmentos, os serviços técnico-profissionais foram os responsáveis por quase metade desse resultado, contribuindo com 48,4% da taxa total. Já os serviços de tecnologia da informação responderam por 25,0% da variação. Os três segmentos que apresentaram contribuição negativa pertencem à atividade de transporte, com destaque negativo para os serviços de transporte terrestres, que subtraíram 11,8% do total (gráfico 9).

GRÁFICO 9
PMS: setores – contribuição para o crescimento acumulado no ano (out./2024)
(Em %)

Fontes: IBGE e Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

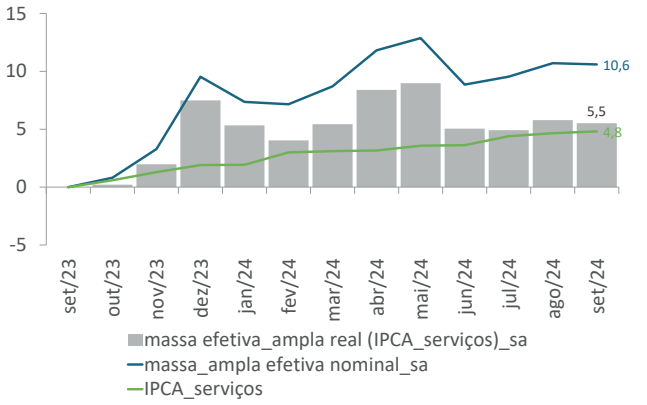
TABELA 5
Serviços: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Pesos	Mês/mês anterior dessazonalizado					Mês/igual mês do ano anterior				Acumulado		
		Ago./24	Set./24	Out./24	Trim.[1]	Carry-over 3º trim.	Ago./24	Set./24	Out./24	Trim.[1]	No ano (dessaz)	No ano (yoy)	Em doze meses
Total	**100,0%**	**-0,3**	**1,0**	**1,1**	**1,4**	**1,7**	**1,8**	**3,8**	**6,3**	**4,0**	**4,1**	3,2	2,7
1. Serviços prestados às famílias	**8,4%**	0,8	0,2	-0,1	1,1	0,3	7,2	4,4	5,0	5,5	-1,1	4,6	5,1
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	7,2%	0,7	-1,4	1,3	0,5	0,7	7,6	3,5	5,0	5,3	-2,4	4,6	5,3
1.2 Outros serviços prestados às famílias	1,2%	1,3	15,6	-15,0	7,0	-6,2	5,2	8,7	5,3	6,5	3,5	4,9	4,0
2. Serviços de informação e comunicação	**23,6%**	-1,2	0,9	-1,0	1,2	-0,8	6,9	9,1	6,7	7,6	4,9	6,2	5,5
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	20,8%	-0,9	0,6	0,0	1,5	0,1	7,8	9,5	7,3	8,2	5,3	6,4	6,1
2.1.1 Telecomunicações	10,8%	-0,7	0,6	0,1	0,7	0,2	5,3	5,7	3,9	5,0	2,9	5,0	5,4
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	10,0%	0,9	1,2	-1,0	3,6	0,1	10,5	13,7	11,1	11,8	11,2	8,0	6,9
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2,8%	-8,4	3,4	-4,5	-1,6	-5,2	0,1	5,6	1,7	2,5	17,5	4,2	0,8
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	**22,0%**	-0,1	1,4	1,6	1,8	2,5	1,8	5,7	7,4	5,0	5,9	7,4	7,3
3.1 Serviços técnico-profissionais	8,5%	-1,3	0,0	3,8	1,0	3,4	4,0	10,7	13,8	9,5	18,7	18,2	17,1
3.2 Serviços administrativos e complementares	13,5%	0,7	1,4	-0,2	1,6	0,9	0,2	2,2	2,6	1,7	2,0	0,4	0,6
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	**35,7%**	-0,1	0,9	4,1	1,5	4,7	-2,8	-0,9	6,8	0,9	5,8	-1,3	-1,9
4.1 Transporte terrestre	20,3%	0,6	1,0	1,6	1,3	2,6	-5,0	-2,4	3,0	-1,5	1,8	-1,9	-1,6
4.2 Transporte aquaviário	1,9%	-2,2	1,2	0,7	-0,4	0,8	4,5	2,9	7,5	5,0	2,9	3,5	3,1
4.3 Transporte aéreo	2,9%	-3,3	2,1	27,1	8,6	27,4	-4,6	-0,7	34,4	8,1	60,2	-0,3	-3,2
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	10,7%	-1,4	0,8	2,6	-0,3	2,6	1,6	1,8	7,0	3,5	0,2	-1,4	-3,2
5. Outros serviços	**10,4%**	0,9	0,0	-1,4	0,5	-1,2	3,2	3,8	2,3	3,1	-1,3	2,2	0,9
Atividades Turísticas[2]		0,0	0,5	4,7	2,6	5,0	2,6	1,4	8,5	4,2	7,9	2,3	2,4

Fonte: PMS/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Notas:
[1] Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.
[2] Índice especial construído a partir de grupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

Nos últimos meses, a atividade de serviços tem enfrentado um cenário menos favorável no que diz respeito aos preços. Se, por um lado, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* continua favorecendo os primeiros, por outro, os ganhos reais do poder de compra das famílias, em termos dos serviços computados no IPCA, desaceleraram em relação ao ritmo observado no primeiro semestre, com a variação acumulada em doze meses ficando em 5,5% (gráfico 10).

GRÁFICO 10
Massa salarial ampliada real e componentes: deflator IPCA – serviços (set./2023-set./2024)
(Em %, variação acumulada)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: Base: junho de 2023 igual a zero.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Debora Mesquita Pimentel
Felipe dos Santos Martins

Equipe de Assistentes:

Beatriz de Luna Barreto
Marcelo Guedes Pecly
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe Administrativa:

Amanda Fernandes Tatagiba
Aline Conceição Santos
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.